

O PROTAGONISMO FEMININO NAS OBRAS DOIS IRMÃOS E RELATO DE UM CERTO ORIENTE, DE MILTON HATOUM

THE FEMALE PROTAGONISM THE BROTHERS AND TALE OF A CERTAIN ORIENT, BY MILTON HATOUM

Marileia de Oliveira Souza¹; Vera Lúcia de Magalhães Bambirra²

¹SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO ACRE (SEE-AC); e-mail: marileia.czs@gmail.com, ²UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE (UFAC); e-mail: verabambirraczs@hotmail.com

Artigo submetido em 27/07/2022 e aceito em 27/07/2023

Resumo

Esta pesquisa se deu com o objetivo de analisar os epítetos que permeiam a trajetória de Zana e Emilie, personagens femininas centrais dos respectivos romances Dois Irmãos (2006) e Relato de um certo Oriente (2008), ambos do escritor amazonense Milton Hatoum. Ao longo deste estudo, foi dedicado um esforço na busca pelo desvelamento das atitudes, características, falas, memórias, silêncios e da solidão dessas mulheres enquanto protagonistas e tecelãs de seus destinos. Para embasar o trabalho, alguns teóricos foram estudados, tais como: Cândida Vilares Gancho (2002), com intuito de auxiliar no momento da análise dos elementos narrativos; Mikhail Bakhtin (2014), a fim de tratar questões referentes ao gênero romanesco; Jacques Le Goff (2013), para refletir sobre o conceito de memória no percurso humano; Michelle Perrot (2003), com a finalidade de ponderar sobre os silêncios que envolvem o universo feminino; Simone de Beauvoir (2019), para intentar sobre as lutas e limitações da mulher desde os primórdios da caminhada humana; Maja Zawierzeniec (2015), com a intenção de compreender a mulher no espaço latino-americano; entre outros. A metodologia utilizada para desenvolver o presente artigo é de cunho bibliográfico e foi embasada na leitura, fichamento e análise dos textos teóricos elencados na bibliografia, bem como dos romances Dois irmãos (2006) e Relato de um certo Oriente (2008). Portanto, ao fim do estudo foi possível compreender as idiossincrasias que tecem a vivência das personagens femininas que as tornam protagonistas de suas trajetórias.

Palavras-chave: Literatura; Feminino; Protagonismo.

Abstract

This research was carried out with the objective of analyzing the epithets that permeate the trajectory of Zana and Emilie, central female characters of the

respective novels, *The brothers* (2006) and *Tales of a certain orient* (2008), both by the Amazonian writer Milton Hatoum. Throughout this study, an effort was made to seek to unveil the attitudes, characteristics, speeches, memories, silences and loneliness of these women as protagonists and weavers of their destinies. To support the work, some theorists were studied, such as: Cândida Vilares Gancho (2002) in order to assist in the analysis of narrative elements; Mikhail Bakhtin (2014) in order to address issues related to the romance genre; Jacques Le Goff (2013) to reflect on the concept of memory in the human path; Michelle Perrot (2003) with the purpose of considering the silences that involve the female universe; Simone de Beauvoir (2019) to discuss women's struggles and limitations since the beginning of the human journey; Maja Zawierzeniec (2015) with the intention of understanding women in the Latin American space; among others. The methodology used to develop this article was based on reading, writing and analysis of the theoretical texts listed in the bibliography, as well as the novels *The brothers* (2006) and *Tales of a certain orient* (2008). Therefore, at the end of the study it was possible to understand the idiosyncrasies that weave the experience of female characters that make them protagonists of their trajectories.

Keywords: Literature; Feminine; Protagonism.

1 INTRODUÇÃO

A presença da mulher, enquanto elemento protagonista, é um dos traços recorrentes nos romances do escritor Milton Hatoum, descendente de libaneses, manauara e arquiteto de formação, que trocou a exatidão dos números pelo universo infinito da escrita, terreno que construiu com maestria as vigas do fazer literário.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar os epítetos, isto é, as características e comportamentos que tecem a trajetória das personagens Zana e Emilie, nas obras literárias *Dois irmãos* (2006) e *Relato de um certo Oriente* (2008). A primeira exerce o controle e a supremacia do lar; sobre ela recai a decisão de construir o matrimônio, conduzir as economias da família e, em grande parte, a educação dos filhos. Já Emilie, matriarca de uma geração, é a responsável por guardar a memória de uma parentela dividida entre o Líbano e a Amazônia. Além de ser o esteio de sua prole, pois exerce o poderio familiar, também resiste convicta e decidida aos seus preceitos religiosos, mesmo contrários aos dogmas maometanos do marido.

O romance *Dois irmãos* (2006) relata a saga de uma família descendente de libaneses que habita em Manaus no período do regime militar. O fio condutor

da narrativa é orientado por Nael, narrador personagem, que busca, pelos meandros da memória de Halim e de outros personagens, descobrir o homem cuja paternidade lhe é desconhecida. A trama da narrativa é centralizada nos conflitos dos irmãos gêmeos, Omar e Yaqub, semelhantes em aparência, mas opostos no que se refere à personalidade.

Da união de Halim e Zana nasceram os gêmeos protagonistas do romance e Rania. Entretanto, é perceptível o favoritismo da mãe pelo filho caçula: Omar. Desde a infância, imperava entre os garotos o desentendimento. O estopim se deu após o mais jovem desferir um golpe motivado por ciúmes de Lívia, a paixão de ambos. A cicatriz marcou tanto o rosto quanto a alma de Yaqub, o que levou os pais a enviarem o rapaz para o Líbano. Quando o primogênito regressa, a relação entre os gêmeos continua turbulenta, pois o único momento de união entre eles foi no ventre materno.

Apesar da narrativa ficcional *Dois irmãos* (2006) retratar o conflito vivenciado pelos gêmeos, é Zana que equilibra e direciona o enredo da narrativa. Ela possui autonomia para transitar e interferir no destino de todos os personagens. Governa, de forma absoluta e sem contradições, o seio familiar, local em que demonstra e revela o seu poderio de mãe, esposa e patroa.

O “reino” dessa figura central está situado no bairro portuário de Manaus, entre as ruas sombreadas com mangueiras. Trata-se, portanto, de um espaço onde habitaram suas lembranças, seus conflitos, seu domínio e também a sua solidão.

Zana nascera em Biblos, uma pequena cidade localizada na costa mediterrânea do Líbano. Aos seis anos, já órfã de mãe, viaja para o Brasil na companhia do pai, Galib: “A infância de Zana em Biblos, interrompida aos seis anos, quando ela e o pai embarcaram para o Brasil. O pai a levava para banhar-se no mediterrâneo, depois caminhavam juntos pelas aldeias”. (HATOUM, 2006, p.46).

Em solo manauara, Galib instala um restaurante árabe em que mescla ingredientes libaneses com os sabores da culinária local: “Ele preparava temperos fortes com a pimenta-de-caiena e a murupi, misturava-as com tucupi e jambu e regava o peixe com esse molho” (HATOUM, 2006, p.47). Zana cresce auxiliando o pai nas tarefas diárias, este mimava e protegia a filha como uma

reliquia rara. Desde a infância nas montanhas do Líbano até a juventude no interior da Amazônia, a personagem é o centro afetivo do progenitor e, por conseguinte, de todos os que a cercam.

No restaurante paterno, Zana conhece Halim, um jovem mascate que passa a frequentar o estabelecimento com o pretexto de trazer para Galib o melhor pescado da região. Entretanto, o intuito verdadeiro, embora camuflado de gentileza, era conquistar a moça libanesa. Deste enlace amoroso é perceptível o caráter decidido e autônomo da personagem. Apesar dos galanteios do futuro esposo, é Zana que decide os pormenores do casamento, o que torna nítido o controle que ela possuía dos requisitos referentes a sua independência feminina.

Os traços de Zana, enquanto protagonista de sua trajetória, tornam-se evidentes quando ela demonstra grande perspicácia ao conduzir o matrimônio e o futuro das economias da família após o falecimento do pai. Além disso, toma a decisão irrevogável de conceber herdeiros para povoar o lar, atitude que ia contra a vontade de Halim, já que ele via nos filhos um óbice para a vida conjugal. Entretanto, como sempre, cedeu perante os desejos inquestionáveis de Zana.

Já em *Relato de um certo Oriente* (2008), o escritor amazonense descreve a volta de uma mulher ao Brasil em busca de reconstruir o passado de uma família. Para isso, ela percorre os meandros da memória de várias personagens, com objetivo de juntar resquícios de um tempo informe. Entre elas, está Emilie, peça chave que possibilita a compreensão desse quebra-cabeça amorfo e vago de lembranças.

Várias vozes se entrelaçam e percorrem o romance, na tentativa de organizar a saga de uma prole dividida entre as montanhas do Líbano e a floresta amazônica. Grande parte dos relatos são conduzidos e direcionados pela filha adotiva de Emilie, que regressa a sua cidade natal em busca de desvendar os mistérios proeminentes da sua parentela.

As narrativas evocadas ao longo da obra desaguam em Emilie, manancial caudaloso e primevo que rega e ecoa nas vozes secundárias do enredo. Essa personagem em análise, assim como Zana em *Dois irmãos* (2006), possuía nacionalidade libanesa, viajara na adolescência do Mediterrâneo para o Brasil na companhia dos pais, Fadel e Samira. Em solo amazônico, a matriarca instala

as suas raízes e, com a sombra materna, nutre a prole e todos os que estão a sua volta.

Emilie é a pedra angular em que estão alicerçados filhos, marido e amigos, além de ser uma referência para aqueles que vislumbram de longe a sua força. A progenitora impõe domínio sem ser autoritária, segue seus próprios preceitos sem ofender a fé do outro, educa e protege, instrui e acolhe. Dentre tantos epítetos que permeiam a personagem, o mistério é algo que resvala e ressoa em sua personalidade enigmática, pois ela deixa marcas embaçadas, mas não pistas concretas de um passado a ser desvendado.

Diante disso tudo, é possível afirmar que Emilie e Zana, protagonistas heroicas, mães, filhas e esposas, são personagens que teceram, com sagacidade e intrepidez, a trama de suas vidas, sempre com o olhar voltado para o outro. Entretanto, apesar do legado que ambas construíram, todas padeceram com a solidão na velhice; viúvas, solitárias de afeto e permeadas de vazios existenciais, trilharam os últimos dias com a falta de apoio dos filhos, imersas no desalento da saudade. Nesse sentido, possuindo, como companhia, a reminiscência de um passado obscuro, na esperança de um futuro passageiro que devolvesse o bem mais precioso almejado por todas, o reconhecimento dos seus.

O presente artigo está organizado em quatro seções. “A quebra do patriarcado tradicional” discorre sobre a dependência histórica da mulher em relação a figura masculina e a forma como as personagens centrais dos romances distorcem esse sistema tradicional. “Zana e Emilie – o protagonismo feminino na ficção hatouniana” versa em torno da relevância que as matriarcas representam nas tramas dos enredos. “Os fios da memória” discorre sobre a reminiscência enquanto elemento condutor das narrativas. “Espaço, guardião de memórias” explana a atribuição do espaço no que consiste a incumbência de resguardar o passado das personagens Zana e Emilie.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico. Desse modo, a pesquisa bibliográfica constitui-se como ferramenta salutar no âmbito acadêmico, visto que permite o enriquecimento de dados e

conhecimentos sobre determinado tema, com base em uma investigação científica já existente.

Este modelo de estudo oportuniza um maior domínio do objeto em análise, em virtude de existir um arsenal de fontes que versem sobre o assunto que deseja ser desenvolvido. Para Fonseca, a pesquisa bibliográfica ocorre:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

O fragmento acima deixa evidente que qualquer trabalho acadêmico inicia-se com a pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, como o pesquisador já dispõe de fontes previamente publicadas, faz-se necessário que este utilize de maneira correta os dados que dispõe, fazendo, para tanto, análises reflexivas e pontuais de forma a enriquecer o tema que planeja enveredar no percurso científico. Dessa forma, Severino (2007) pondera que a pesquisa bibliográfica ocorre por intermédio do:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122).

Diante do exposto, observa-se que o trabalho do pesquisador começa a partir da análise feita em autores que darão contribuições ao texto científico. Sendo assim, para que a pesquisa fosse realizada, foi necessário recorrer a autores como: Cândida Vilares Gancho (2002), que deu suporte à análise dos elementos da narrativa, especialmente sobre as personagens protagonistas; Mikhail Bakhtin (2014), que auxiliou na reflexão sobre a teoria do romance; Jacques Le Goff (2013), com *História e memória*; a escritora Michelle Perrot

(2003), autora do texto *Os silêncios do corpo da mulher*, Maja Zawierzeniec (2015), com o livro *La mujer en el mundo latinoamericano* e Simone de Beauvoir, com *O segundo sexo: fatos e mitos* (2019) e *O segundo sexo: a experiência vivida* (2019), obras que contribuíram para a análise do protagonismo feminino; entre outros.

Portanto, para desenvolver este estudo bibliográfico foram realizados fichamentos, resumos e resenhas das obras elencadas. Tais exercícios, seguidos de (re)-leituras, pavimentaram o caminho da escrita que resvalaram no presente texto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A QUEBRA DO PATRIARCADO TRADICIONAL

Segundo Beauvoir (2019), a transição da pedra para o bronze permitiu ao homem, por intermédio do trabalho, a conquista da terra e, por conseguinte, a de si próprio e a de seus semelhantes. Quando a agricultura deixou de ser um elemento mítico e passou a ser um ofício essencialmente humano, o sujeito masculino, com auxílio de técnicas criadas manualmente, deteve o controle do solo. Para satisfazer os ideais de poderio, expandiu os domínios para além da propriedade campestre, o que resvalou na posse da mulher. De acordo com a referida filósofa:

Particularmente, quando se torna proprietário do solo, é que reivindica também a propriedade da mulher. Antes ele era possuído pelo mana, pela terra: agora ele tem uma alma, terras, liberto da mulher, quer uma mulher e uma posteridade para si próprio. Quer que o trabalho familiar que utiliza em proveito de seus campos seja totalmente seu e para isso é preciso que os trabalhos lhe pertençam: escraviza a mulher e os filhos. Precisa de herdeiros através dos quais se prolongará sua vida terrestre- pelo fato de lhes legar seus bens- e que lhes renderão, além- túmulo, as honras necessárias aos repousos de sua alma (BEAUVOIR, 2019, p.114).

Durante séculos, a mulher foi propriedade exclusiva do homem, pois, no decurso dos anos, ela esteve sob a sombra da figura masculina, primeiramente a do pai e depois a do marido. Além de dominar os bens pertencentes à terra e

às economias, o sistema patriarcal também governava a família. Para Aguiar (1997, p. 168), “uma das questões que torna o patriarcado uma instituição peculiar é o direito de propriedade sobre os bens da família pelo poder patriarcal (*Patria potestas*), o único a ter esse domínio é o pai”.

O *pater* era a figura suprema do seio familiar, detentor absoluto de todas as questões que remetiam ao lar, a ele cabia respeito, obediência e até veneração da parte dos demais integrantes da prole. Tal situação resultava no ofuscamento da figura feminina, que permanecia sempre à margem da parentela e da sociedade, destinada exclusivamente à maternidade e aos afazeres domésticos.

Para Beauvoir (2019, p. 115), “voltada à procriação e às tarefas secundárias despojada de sua importância prática e de seu prestígio místico, a mulher não passa desde então de uma serva”.. Havia, portanto, uma dicotomia previamente definida, o homem assumia o papel de provedor e chefe da prole, enquanto a mulher era subordinada ao marido e aos afazeres da maternidade. Essa dualidade esboçava um contraste ríspido entre os gêneros:

El arquetipo inautentico de um verdadero hombre (...) el macho valient, capaz de enfrentar toda empres o peligro saliendo vencendor(...). Por contraste, se proyectar la imagen de la mujer: debe ser sumisa, prudente, passiva. Se le exige, como condición de feminidad, disposición a la obediência, ocultamento de sus emociones y afectividades. (PAVON, 1990, p. 87-89 apud ZAWIERZENIEC, 2015, p.151).

Entretanto, as mulheres das narrativas hatounianas rompem com o tradicionalismo imposto pelo patriarcado, pois, apesar de estarem inseridas no seio familiar com a incumbência de executar o papel de esposa e mãe, não são dominadas pela figura masculina. Além disso, representam um papel de extrema relevância na condução da trama. Zana e Emilie direcionam e influenciam a trajetória de suas proles; a atuação delas transpassam as paredes do lar e ecoam por inúmeras esferas.

Em *Dois irmãos* (2006), Halim, esposo da protagonista, não exerceu controle sobre a personagem, nem influenciou, de forma autoritária, na criação dos filhos, conforme os moldes do patriarcado tradicional. Desde o momento em que o jovem libanês adentrou no restaurante Biblos e avistou a filha de Galib,

sua vida passou a ser exclusivamente devotada à jovem libanesa, razão única de sua existência e veneração. Zana foi para Halim uma espécie de alento existencial, pois preencheu o itinerário fosco e solitário do mascate. Órfão, destituído de proteção e afeto familiar, vagueando em terra desconhecida, atracou-se a ela como um sobrevivente de um naufrágio, como apresentado na citação que se segue:

O que eu fiz para conquistar essa mulher! Meses e meses...os gazais, o vinho para vencer a timidez... Ninguém queria aceitar... ninguém acreditava que um mascate pudesse atrair a filha do Galib. Ela foi corajosa, decidi. E eu acreditei... só pensava nela, só queria ela. Depois a vida foi dando voltas, foi me cercando, me acuando...A vida vai andando em linha reta, de repente dá uma cambalhota, a linha dá um nó sem ponta. Foi assim... A morte dele, o Galib... eu nunca soube o que significa... não conheci nem pai nem mãe.... Vim para o Brasil com um tio, o Fadel. Eu tinha uns doze anos... Ele foi embora, desapareceu, me deixou sozinho num quarto da pensão do oriente.... Me agarrei na Zana, quis tudo... até o impossível. Essa paixão voraz como um abismo (HATOUM, 2006, p.135).

Diferente do *pater* que detinha o poder supremo e incontestável no tocante à economia familiar, além de ser o responsável absoluto em prover o sustento da prole, Halim destoava dos padrões tradicionais, já que não possuía ímpeto aflorado para encaminhar os negócios da parentela, bastava-lhe apenas o básico para a sobrevivência:

Halim nunca quis ter mais que o necessário para comer, e comer bem. Não se azucrinava com as goteiras nem com os morcegos [...] nessa época, Rania quis modernizar a loja, decorá-la, variar as mercadorias. Halim fez um gesto de fadiga, talvez indiferença. Não tinham dinheiro para reformar a casa nem a loja. (HATOUM, 2006, p. 96).

Coube à Zana a iniciativa de introduzir o futuro econômico da família, legado que posteriormente foi repassado para Rania, a filha do casal que sustentou as despesas da parentela, bancou, sobretudo, a vida desregrada do irmão. Resoluta e sem necessidade de auxílio masculino, a saga de empreendedora escoava pelos poros da jovem, herança da mãe:

Rania dirigiu a reforma da loja. Eu ajudei a emboçar e rebocar a fachada, e ela mesma pegou nas brochas e pintou todas as paredes de verde. Minha ajuda não foi inútil, mas quem trabalhasse ao lado de Rania tinha sensação de que estava atrapalhando. Ela queria fazer tudo sozinha, tudo era pouco para o empenho e a disposição dela. Era forçada como uma anta e paciente como o pai, que a observava perplexo, rodeado pelos amigos de gamão e dos tragos. Depois da reforma, Rania tomou mais gosto pela loja. Mandava e desmandava, cuidava do caixa, do estoque e das dívidas dos caloteiros. Acabou de vez com a venda fiado [...] publicou anúncio nos jornais e nas estações de rádio, mandou imprimir folhetos de propaganda. Fez uma promoção de mercadoria e torrou o encalhe, as coisas velhas, de um outro tempo (HATOUM, 2006, p. 97-98) .

Já em *Relato de um certo Oriente* (2008), a figura masculina é opaca diante da magnitude de Emilie. Nesse sentido, o esposo de Emilie, recluso, silencioso, indiferente e às vezes com tendências autoritárias, não ocupou papel de destaque na trama. Sem nome, essa personagem vagueia nos labirintos do romance, recebe a alcunha de “Marido de Emilie”, “teu pai”, “meu pai”, “meu marido”, “o pai”, “o velho”, ou seja, a sua existência está atrelada à figura central feminina e a de outros integrantes: “teu pai tem o olfato mais aguçado que um cão [...]. Meu pai dizia que era um cheiro mais enjoativo que um gato marajá” (HATOUM, 2008, p.33), “Emilie e o marido praticavam a religião com fervor” (HATOUM, 2008, p.62), “são duas armas poderosas para acalmar o gênio de cão do meu marido” (HATOUM, 2008, p. 41), “Perguntei o que tinha contrariado o marido dela” (HATOUM, 2008, p.34), “O pai irrompeu na casa” (HATOUM, 2008, p.77), “O velho interrompeu subitamente” (HATOUM, 2008, p.78). Portanto, os pronomes possessivos, além de alguns adjetivos e substantivos, são os elementos que tecem a identidade obscura da referida personagem.

O futuro econômico da prole de Emilie, semelhante ao de Zana, não foi administrado pelos filhos do casal, pois a tarefa de coordenar o patrimônio coube à única filha. Ela, além de gerir, ainda superou o pai na eficiência das vendas, fez, em poucos anos, o que o progenitor não conseguiu em uma vida inteira:

Depois que ela perdeu o marido, a filha tomou conta da Parisiense sem a ajuda de ninguém, e deu um impulso tão grande na loja que no fim de alguns anos Emilie chegou a caçoar do finado:

Revista Conexão na Amazônia v. 4, n. 1, Ano, 2023

- Ganhamos em cinco anos o que deixamos de ganhar em cinquenta; a vocação dele era vociferar no alto de um minarete, em vez de ficar mudo atrás do balcão (HATOUM, 2008, p. 131).

Já na velhice, Emilie era a única que carregava o segredo do cofre, enigma que sustentava a família e, sobretudo, a vida devassa dos filhos mais moços. Estes, assim como o pai, também eram inomináveis, isto é, sem identidade própria. A incógnita também era desconhecida para o marido, pois a ele, mesmo à beira da morte, não foi revelada a resposta, apenas para Indié, sua melhor amiga. Na fortaleza oculta concentrava-se mais do que bens materiais, havia suor adquirido ao longo de uma árdua trajetória. Coube a ela e não ao esposo a missão de proteger e resguardar as economias da parentela: “Emilie controlava o caixa da Parisiense e guardava o dinheiro no cofre inglês, cujo segredo só ela conhecia”. (HATOUM, 2008, p.129)

3.2 ZANA E EMILIE – O PROTAGONISMO FEMININO NA FICÇÃO HATOUNIANA

No tocante às narrativas em prosa, as personagens constituem um dos elementos fundamentais que tecem o enredo, pois são os componentes responsáveis por desempenhar a ação. Para que essas entidades possam, de fato, existir dentro da história é necessário que participem, ou seja, tenham autonomia na fala e na fazedura da obra. De acordo com Gancho (2002), ao analisar narrativas:

A personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se consta que determinados personagens são baseados em fatos reais. O personagem é um ser que aparece na história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala (GANCHO, 2002, p. 14).

Quanto às características, as personagens são ordenadas em dois grupos: personagens planas e personagens redondas. As primeiras são

Revista Conexão na Amazônia v. 4, n. 1, Ano, 2023

compostas de poucos traços, sem obscuridade na percepção, acessíveis no entendimento. “São personagens caracterizados com um número pequeno de atributos, que os identifica facilmente perante o leitor; de um modo geral são personagens pouco complexos” (GANCHO, 2002, p. 16). Já o segundo grupo possui um maior teor de complexidade no que consiste à compreensão, ou seja, são dotados de mais epítetos e consistência na trama:

São mais complexos que os planos, isto é, apresentam uma variedade maior de características que por sua vez, podem ser classificadas em: físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais (GANCHO, 2002, p. 18).

Para Moisés (2014), uma das principais diferenças recorrente a esses dois grupos está na estaticidade e na evolução:

Enquanto as personagens planas não evoluem (por dentro), mas que se repetem, ao passo que as redondas somente nos dão ideia de sua identidade profunda quando, fechado o romance, verificamos que, através de tantas modificações, apenas deram expressão à multiforme personalidade que possuem: a sua identidade não se manifestaria por meio de uma só faceta, mas quando fossem conhecidas todas as suas mutações possíveis. (MOISÉS, 2014, p. 142).

Em relação às obras *Dois irmãos* (2006) e *Relato de um certo Oriente* (2008), é importante salientar que Zana e Emilie pertencem ao grupo das personagens redondas, haja vista a complexidade que representam nas teias do enredo, visível a partir da autonomia que possuem para transitar em diversos labirintos da narrativa, além das inúmeras mutações identitárias que assumem no decurso da trama, como também a capacidade de influenciar sobremaneira na trajetória de outras personagens.

Analisando, de forma individual, as particularidades e características das personagens elencadas, que as configuram como personalidades substanciais, ou seja, protagonistas, e, sobretudo, como ponto de partida para compreender os porquês das zonas indefinidas do romance, é possível perceber que Zana e Emilie imprimem, nas respectivas obras estudadas, relevância em vários aspectos.

Revista Conexão na Amazônia v. 4, n. 1, Ano, 2023

Em *Dois irmãos* (2006), Zana começa a esboçar traços de autonomia enquanto escritora de sua trajetória ainda na juventude, pois, resoluta em suas decisões, sempre mantendo todos que a cercavam subordinados aos seus desígnios. Assim, ela, metódica e perspicaz, arquitetava, com cautela, todos os caminhos que pretendia percorrer:

E então falava, dona de si, uma só vez meio inclinada, o rosto sereno, com a confiança de uma cartomante. Foi assim desde os quinze anos. Era silenciosa, matutava, uma insistência em fogo brando; depois armada por uma convicção poderosa, golpeava ferinamente e decidia tudo (HATOUM, 2006, p. 40).

Convicta e determinada, traçou os detalhes que remetiam a sua vida particular, coube a ela a decisão matrimonial, impôs condições e regras para o esposo, que acatou sem hesitar todas as sentenças da jovem libanesa:

Já havia decidido casar-se com Halim, mas tinham de morar em casa, nesta casa, e dormir no quarto dela. Fez exigência ao Halim na frente do pai. E fez outra: tinham de casar diante do altar de Nossa Senhora do Líbano, com a presença das maronitas e católicas de Manaus (HATOUM, 2006, p. 41).

Após o casamento, as deliberações e caprichos da personagem imperavam no lar de maneira inquestionável. Sem contradições, ela exercia a soberania no seio familiar: “Zana mandava e desmandava na casa, na empregada, nos filhos. Ele, paciência só, um Jó apaixonado e ardente, aceitava, engolia cobras e lagartos, sempre fazendo as vontades dela, e, mesmo na velhice mimando-a.” (HATOUM, 2006, p. 41). Os filhos e a empregada estavam sob a sua tutela matriarcal, o marido representava uma espécie de vassalo, pois buscava agradá-la em todas as circunstâncias possíveis, inclusive, no tocante à quantidade de herdeiros, mesmo contra a vontade do companheiro: “Depois balbuciou para o esposo: “Agora sou órfã de pai e mãe. Quero filhos, pelos menos três”. (HATOUM, 2006, p. 42)

Zana não controlava apenas as questões do seio familiar, ela também interferia na economia e nos negócios da prole: “Então ela sugeriu que abrissem um pequeno comércio na rua dos Barés entre o porto e a igreja”. (HATOUM, 2006, p. 47). Além de ser instruída em vários aspectos, ela detinha uma

habilidade aguçada para observar os acontecimentos a sua volta: “Via muito, por todos os ângulos, de perto e de longe, de frente e de véis, por cima e por baixo, e sua visão continha sabedoria” (HATOUM, 2006, p. 95). O poder de percepção era uma arma secreta que dispunha para descobrir enigmas embaraçosos que ofuscavam o seu discernimento, principalmente, no que remetia aos filhos quando algo representava perigo para a sua soberania de mãe:

Quando o destino de um filho está em jogo, nenhum detetive do mundo consegue mais pistas que uma mãe”, ele disse. “Ela fez tudo caladinha, quieta que nem uma sombra” (HATOUM, 2006, p.104).

Zana não aceitava ter o seu poderio de progenitora desafiado, mesmo adultos ela exigia e impunha respeito aos filhos: “O filho de Halim: forte e viril com todas, mas com a mãe se desmanchava em chamegos e tremia como taquara verde. Vai entender o poder de uma mãe. Daquela Zana”. (HATOUM, 2006, p. 104). Omar, o caçula dos gêmeos e protegido da personagem, reinava entre as mulheres e ostentava força e virilidade, entretanto, o ímpeto de másculo rareava diante da ascendência materna.

Em nenhum momento ela admitia ficar em segundo plano na vida dos filhos. Ter o brilho ofuscado diante da concorrência de outras mulheres era inadmissível para a sua trajetória de realeza soberana, principalmente quando se referia ao filho mais jovem:

As outras, assanhadas oferecidas, não foram páreo para Zana, nem de longe ameaçavam o amor da mãe. Nem chegaram a duelar, não foi preciso. Além disso, não tinham nome, quer dizer, o Caçula só as chamava de queridinha ou princesa, para deleite da rainha-mãe, jamais destronada (HATOUM, 2006, p. 75).

Quando algo ameaçava a supremacia materna e os pormenores do lar, Zana dispunha de uma sagacidade espessa, a qual era sempre remoída à exaustão nos labirintos de sua mente ardilosa. Na época em que Omar, o mais jovem dos gêmeos, estava estranho aos seus olhos, ela percorreu silenciosa todas as divisas em busca de respostas, até encontrá-las:

Revista Conexão na Amazônia v. 4, n. 1, Ano, 2023

A mãe cascavilhou, imaginou, intuiu, deu uma de arquiteta às avessas: desfez os recantos construídos. E a construção, inacabada, prometia ser monumental [...]. Com paciência, armou a malhadeira e fogueou as piabas e as piraíbas (HATOUM, 2006, p.104).

É perceptível a obstinação da personagem para reencontrar o filho caçula. Movida pelo extinto materno, Zana usara, como arma, o silêncio e, sem ajuda de outros, desvendou o véu de dúvidas que outrora encobriria o destino errante e misterioso de Omar.

Em *Relato de um certo Oriente* (2008), Emilie é a voz feminina em análise, representando o elemento basilar que conduz a narrativa. Diversas falas emaranham a trama, mas as da personagem sobressaem em relação às demais. Ela é o córrego que direciona o percurso da narradora na busca de compreender os retalhos avulsos do passado de sua prole. Além de ser o fio primevo que conduz os meandros reminiscentes de um tempo incerto, no seio familiar, essa personagem é o arrimo principal, aquela que sustenta a estrutura do lar.

É notório, no transcurso do enredo, a relevância que a matriarca libanesa representa para os seus. Ela era a peça mártir que alicerçava a parentela, pois sem os outros integrantes a casa poderia sobreviver, mas sem ela não era possível: “Sabes que nunca precisei deles, mas Emilie ... como podia viver sem ela? Ninguém podia viver longe de Emilie” (HATOUM, 2008, p. 18). Todos dependiam da sombra propiciada pela protagonista, ela supria os ramos em diversos aspectos, tanto de cunho emocional quanto econômico.

Emilie provocava fascínio e admiração, uma amálgama de sentimentos enlaçava os homens da casa, sobretudo o filho mais velho e o marido. Para Hakim, o primogênito, a mãe era quase idealizada, ele comparava o seu rosto ao das divindades: “Era um rosto suavemente maquilado, e na sua expressão conviviam serenidade implacável e a postura soberana dos rostos esculturais das santas embutidas em nichos com tampa de cristal” (HATOUM, 2008, p. 41). O jovem sentia-se envolto pela beleza materna por vezes indescritível, capaz de transcender o aspecto terreno e aportar na idealização. Já o esposo demonstrava, nos recantos do silêncio, o apreço que sentia:

O rosto liso como marfim era envolto pelos cabelos ondulados, e por detrás da orelha brotava a flor de jambo. Ao despertar

Revista Conexão na Amazônia v. 4, n. 1, Ano, 2023

assim na visão da escada, meu pai estremecia, mordendo os beijos talvez ressentindo ou enciumado, em todo caso irrequieto e certamente fascinado com aquela visão matinal, que era a versão mais pura da beleza (HATOUM, 2008, p. 93).

Além de aguçar admiração e respeito, a matriarca detinha o domínio da palavra final, pois, sem a aprovação dessa personagem, certos temas não emergiam à superfície: “Sempre pensei que os assuntos nebulosos eram decifrados por ela, e ninguém ousava pronunciar uma sílaba sem o seu assentimento” (HATOUM, 2008, p. 74). Ela detinha o poderio de filtrar os termos que deveriam se tornar tópicos de discussão no seio familiar. Também é perceptível a facilidade e desenvoltura com que os vocábulos deslizavam na sua sintaxe libanesa, fator que encantava o filho quando conversava com a mãe na língua materna da progenitora:

A minha idolatria por Emilie, a sua intromissão na minha vida, tudo se acentuava pelo fato de eu compreender quando ela falava sua língua. Porque ao conversar comigo, minha mãe não traduzia, não tateava nas palavras, não demorava na escolha de um verbo, não resvalava na sintaxe. E eu sentia isso: cheia de prazer, soberana, desprendida de tudo, ela podia eleger os caminhos por onde passa o afeto: o olhar, o gesto e a fala (HATOUM, 2008, p. 91).

Mas, além da loquacidade, ela também dominava a arte do silêncio e da escuta, pausava a voz e aguçava a percepção de forma a propiciar o lugar de fala do outro: “Emilie deixava-a falar” (HATOUM, 2008, p. 82); “A reação de Emilie à primeira vista, foi serena, quase apática. Escutou a frase, impassível, com o olhar deitado nos olhos do filho” (HATOUM, 2008, p. 82).

Misteriosa na postura e discreta nas atitudes, Emilie carregava segredos de um passado remoto que pertencia apenas ao seu mundo secreto. Espessas brumas de incógnitas cercavam a matriarca, entretanto, ninguém tinha a chave que dava acesso a esse universo enigmático. Marido e filhos acompanhavam à distância, sem compreender, o que se passava na mente e no coração da libanesa que plantou a vida e as raízes no solo de Manaus:

Várias vezes me contive para não indagar a Emilie a origem do bracelete; essa renúncia definitiva me convenceu de uma vez por todas que há segredos poderosos ou enigmas indecifráveis

Revista Conexão na Amazônia v. 4, n. 1, Ano, 2023

que certas pessoas levam dentro de si até a morte (HATOUM, 2008, p. 48).

Sobras de vestígios esparsos foram deixados no tempo, contudo, faltava coerência para juntar os fatos, deixando, desprovidas de respostas, equações de uma vida. Desse modo, sem deixar provas, ela teceu com esmero o seu destino:

Ontem mesmo visitei o quarto de Emilie; no armário aberto vi o baú no mesmo canto, com a tampa aberta, e vazio; também pouco sei em que época ela retirou os objetos dali e onde os guardou. Talvez, prevendo que fosse morrer, tenha se desvencilhado de tudo, cuidando para não deixar vestígios (HATOUM, 2008, p. 74).

Assim como o baú, cada objeto que fazia parte do seu arsenal de mistério carregava uma história secreta, pertencente a um período distante e remoto. No entanto, os familiares não ultrapassaram as fronteiras da curiosidade, estes que tiveram o privilégio de partilhar parte do seu mundo com a matriarca, permanecendo ávidos por respostas.

As sombras protetoras de Emilie se alargavam para além das paredes do lar. Ela provia não somente o seu parentesco, mas também aqueles que necessitavam de conselho, alimento, trabalho ou vestimenta: “Pessoas humildes, que ela ajudava como podia, dando-lhe a sobra das refeições, roupas velhas e prometendo um trabalho na casa de fulano “. (HATOUM, 2008, p.139). Assim, ela conquistara autoridade e respeito diante dos mais necessitados.

3.3 OS FIOS DA MEMÓRIA

Compreender e desvendar os fios esparsos de tempos longínquos é sempre um desafio. Tanto para os que já viveram e buscam, nas teias do passado, rememorar a nostalgia de uma época amarelecida pelo tempo e rasurada pela saudade, quanto para aqueles que não a vivenciaram, entretanto, nutrem o desejo de compreender os labirintos informes de um período não experimentado, mas que resvala pistas embaçadas e carentes de respostas, sanadas na escuta do outro que um dia deteve as chaves da reminiscência.

Revista Conexão na Amazônia v. 4, n. 1, Ano, 2023

Diante disso, a memória constitui-se como um elemento fulcral para se compreender as incógnitas deixadas nas brumas do pretérito. Le Goff (2013), em sua obra História e memória:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2013, p. 387).

Além de rememorar acontecimentos de outrora, a memória também é salutar na formação da identidade, seja individual ou coletiva, o que suscita buscas frenéticas de compreensão de seus valores e significados. De acordo com Le Goff (2013):

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 2013, p. 435).

Nesse sentido, a memória permeia os romances Dois irmãos (2006) e Relato de um certo Oriente (2008), seja recontada diretamente pelas personagens ou na voz de outros integrantes da trama.

Após o falecimento do esposo, da empregada Domingas e da partida dos filhos, para preencher o vazio dessas ausências, Zana relata para o narrador personagem alguns episódios de sua trajetória, dos quais grande parte era desconhecida:

Aos poucos Zana me contou coisas que talvez poucos soubessem: o nome dela de batismo em Biblos era Zeina. No Brasil, ainda criança, ela aprendeu português e mudou de nome. Eu soube mais de Galib e Halim, e também de minha mãe. [...] Ela falava aos pedaços e ela mesma fazia as perguntas (HATOUM, 2006, p. 48).

Além dos acontecimentos relatados por Zana, outros episódios esparsos da vida da libanesa foram descritos à luz de outros personagens, principalmente aqueles narrados por Domingas e Halim: “Isso Domingas me contou” (HATOUM, 2006, p. 48). O marido relembra, a partir dos fios esgarçados da memória, os momentos que passara ao lado da esposa, bem como dos prazeres que desfrutaram durante a vida conjugal:

Halim me mostrou o álbum do casamento, de onde tirou uma fotografia que apreciava: ele, elegante, beijando a moça morena,

Revista Conexão na Amazônia v. 4, n. 1, Ano, 2023

ambos cercados por orquídeas brancas[...] Ele me contou cenas de amor com a maior naturalidade [...] a expressão libidinosa no rosto estriado, molhado de suor, molhado pela lembrança das noites, tardes e manhãs em que os dois se enrolavam na rede, o leito preferido de amor ali onde os poderes de Zana se desmanchavam (HATOUM, 2006, p. 41).

É perceptível, no fragmento, a função que a fotografia possui enquanto agente responsável por evocar a reminiscência de uma época. O álbum de casamento permite que Halim volte aos primórdios do relacionamento e, mesmo décadas depois, as imagens opacas trazem à tona lembranças guardadas nos recintos do tempo.

Ainda refletindo sobre a importância do registro fotográfico, em *Relato de um certo Oriente* (2008) a fotografia do irmão de Emilie esconde segredos, os quais ela tenta ocultar:

Ela fez tudo para conseguir a fotografia feita por Doner. Porque os indícios do estranho comportamento de Emir estavam estampados na única imagem do seu rosto naquela manhã que findava. Emilie queria a foto para si, receosa de que a alucinação do irmão fosse contemplada pelos olhos da cidade (HATOUM, 2008, p. 74).

Outro episódio que denota a função da fotografia ocorrera após a saída do filho Hakim; longe de casa, as fotos enviadas pela matriarca “falavam” para o primogênito das transformações e segredos da alma e do corpo da progenitora:

Enviou-me fotografias durante quase vinte e cinco anos, através das fotos eu tentava decifrar os enigmas e as apreensões de sua vida, e a metamorfose de seu corpo. Soube da morte do meu pai ao receber uma fotografia em que ela estava na cadeira de balanço ao lado da poltrona coberta por um lençol branco (HATOUM, 2008, p. 93).

Diante disso, a captura de momentos registrados nos papéis servira para suscitar episódios sombrios de seu passado, sedentos de esquecimento, como para substituir as palavras. Portanto, o retrato moldurado nas paredes ou guardado nas gavetas transporta os indivíduos para além da textura física do papel, representando o passaporte para viagens transcorridas nos labirintos da memória. “A fotografia que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo,

assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 2013, p. 426).

Emilie também recordava a sua trajetória a partir dos sentidos, principalmente o olfato, que a transportava do Ocidente para o Oriente, do solo amazônico para as montanhas do Líbano. Assim, os tecidos da infância da matriarca eram desfibrados:

Só os figos da minha infância me deixavam estonteada desse jeito.” O aroma dos figos era a ponta de um novelo de histórias narradas por minha mãe. Ela falava das proezas dos homens das aldeias, que no crepúsculo do outono remexiam com as mãos as folhas amontoadas nos caminhos que seriam cobertos pela neve [...]. Ela evocava também os passeios entre as ruínas romanas, os templos religiosos erigidos em séculos distintos, as brincadeiras no lombo dos animais e as caminhadas através de extensas cavernas [...] (HATOUM, 2008, p.79-80).

A fragrância dos figos despertava, na personagem, lembranças de uma época vital para o seu percurso. Brincadeiras, caminhadas, passeios, detalhes de um tempo longínquo eram desencadeados a partir do aroma da fruta, que resultava em uma narrativa fértil, guiada pelos interstícios da memória.

3.4 ESPAÇO, GUARDIÃO DE MEMÓRIAS

Nos romances em análise, o espaço, isto é, a casa e os arredores, tece o esboço da trama, pois possui uma relevância sem precedentes para as personagens, já que perpassa o físico e ancora na memória. Para Gancho (2002):

O espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens (GANCHO, 2002, p. 23).

A casa onde Zana e Emilie habitaram, nas respectivas obras, continuam o peso das lembranças escondidas em cada cômodo, haja vista que os móveis e os adereços que compõem o espaço possuem significados imateriais. Para Sant’Anna:

Há móveis dentro de uma casa que, uma vez colocados em certos espaços, parecem feitos para estarem sempre lá. Como

Revista Conexão na Amazônia v. 4, n. 1, Ano, 2023

se eles tivessem sido inseridos em espaços que, de alguma maneira, afirmam as suas próprias forças (SANT'ANNA, 2001, p. 113).

O domicílio e as adjacências que compunham o ambiente eram essenciais para as personagens, desvencilhar da morada em que habitavam era um golpe fatal para as matriarcas. Em *Dois irmãos* (2006), após a morte do esposo, as intempéries do destino e os sinais da velhice, Zana fora obrigada a abandonar o seu reino natural, local que havia consolidado a sua jornada:

Zana teve que deixar tudo: o bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada por mangueiras centenárias, o local que para ela era quase tão vital quanto o Biblos de sua infância: a pequena cidade do Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e o pomar cultivados por mais de meio século (HATOUM, 2006, p. 9).

Cada recanto tinha um significado que transpassava o campo material, desde o bairro até as árvores, tudo fazia parte do bojo de lembranças colecionadas durante uma vida, palco no qual outrora fora atriz principal, protagonista de uma trama íngreme e sinuosa. Deixar a sua fortaleza foi o prenúncio de uma derrocada paulatina, porém, feroz. Existe, portanto, um entrelaçamento entre a protagonista e a casa. Além do sentido metafórico, a morada ganha traços de personagem no decurso da narrativa: “A casa foi se esvaziando e em pouco tempo envelheceu” (HATOUM, 2006, p.184). A retirada, quase forçada do seu habitat natural, junto com outras decepções, resvalou na morte precoce da personagem. Contudo, a partida poupou uma das maiores decepções que poderia presenciar, a venda e, por conseguinte, a reforma do recinto:

Não chegou a ver a reforma da casa, a morte livrou desse e de outros assombros. Os azulejos portugueses com a imagem da santa padroeira foram arrancados. E o desenho sóbrio da fachada, harmonia de retas e curvas, foi tapado por um ecletismo delirante. A fachada, que era razoável, tornou-se uma máscara de horror, e a ideia que se fez de uma casa desfez-se em pouco tempo (HATOUM, 2006,191).

Os adornos que vestiam as paredes, retratos de um período remoto, foram violentamente arrancados e substituídos, a construção que antes

representara a estrutura de um lar, fora desfeita, na medida do desnude de seus azulejos portugueses. O que deixou em fragmentos avulsos a trajetória da libanesa.

Em *Relato de um certo Oriente* (2008), a casa representa um recanto de incógnitas para a personagem, a transição de moradias trouxe à tona segredos e mistérios da protagonista. Nos labirintos da residência, Emilie escondia enigmas obscuros que pertenciam apenas ao seu mundo particular, motivo pelo qual suscitara dúvidas e inquietações, sobretudo no filho mais velho:

Mudar de casa traz revelações, deixa mistérios, e na passagem de um espaço a outro algo se desvenda e até mesmo o conteúdo de um pergaminho secreto pode tornar-se público. Os objetos do esconderijo da Parisiense ela arrumou no baú e carregou sozinha (HATOUM, 2008, p. 47).

Entretanto, nos meandros finais da obra, a casa ganha outra conotação, ela passa a ser a representação do vazio e da saudade deixado após a morte da matriarca:

A voz de Hindié cala subitamente, e por algum tempo uma tristeza desponta do olhar dela. Do alpendre de sua casa ela contempla a copa do jameiro e os janelões do quarto do sobrado, cerrado para sempre. O olhar torna ínfima a distância entre as duas casas, e, no silêncio do olhar, a memória trabalha [...]. A casa está fechada e deserta, o limo logo cobrirá a ardósia do pátio, um dia as trepadeiras vão tapar as venezianas, os gradis, as gelosias e todas as frestas por onde o olhar contemplou o percurso solar e percebeu a invasão da noite precipitada e densa (HATOUM, 2008, p. 138).

Da janela, Hindié, a melhor amiga de Emile, aguçara a vista para observar a casa da matriarca, de forma a contemplar os retalhos de saudade, alojados em cada esconderijo do sobrado, que, no entanto, logo seria encoberto pelo limo e pela vegetação, uma batalha cruel entre o tempo e a memória.

É perceptível em *Dois irmãos* (2006) e *Relato de um certo Oriente* (2008) o entrelaçamento entre espaço e tempo, esses dois elementos caminham juntos e tecem, com precisão, as veredas do romance, de forma a deixar respingos substanciais no território do outro, o que consiste, portanto, em uma amálgama preñe de contaminações ocasionadas pela fusão de seus cruzamentos. Esta intersecção entre tais elementos da narrativa consiste no cronotopo que, segundo Moisés: “O vocábulo migrou para os estudos literários pelas mãos de

Mikhail Bakhtin. Correspondente a junção de tempo e espaço” (MOISÉS, 2014, p. 113). De acordo com o crítico russo, precursor do termo no âmbito da literatura:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais-temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra-se no movimento do tempo, do enredo e da história. Os indícios do tempo transparecem no espaço, e espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 2014, p. 211).

Portanto, o espaço em que estão imersas as personagens de Milton Hatoum abriga também as marcas do tempo. Esse entrelaçamento suscita, nas figuras femininas, o regresso a momentos presos nos labirintos da memória. A casa e os entornos da rua dos Barés representam, para Zana, os áureos tempos em que despojara de autonomia, liderança e, por conseguinte, felicidade. Já para Emilie, o espaço da residência denota o abrigo de mistérios do qual outrora fora arquiteta principal.

4 CONCLUSÕES

Percorrer as tramas esboçadas pelas personagens Zana e Emilie, nas obras *Dois irmãos* (2006) e *Relato de um certo Oriente* (2008), permitiu conhecer, de modo mais aprimorado, traços da escrita hatouniana, bem como enveredar por entre as densas e oblíquas trajetórias dessas figuras femininas forjadas, sobretudo, no afã de suas vivências. O protagonismo das matriarcas reluz no transcurso de ambas as narrativas e escoam em diversos aspectos, o que torna perceptível a relevância no âmbito individual enquanto tecelãs autônomas de suas trajetórias e também como esteios substanciais no cenário familiar e social. Com itinerários semelhantes, as duas mulheres de origem libanesa apresentaram vários aspectos correlatos, desde a autonomia em gerir o roteiro de suas caminhadas até a solidão compartilhada por ambas, nos períodos espessos e sombrios da velhice.

As personagens em análise romperam paradigmas patriarcais ao assumirem posturas que destoavam dos padrões pré-estabelecidos. Zana e

Emilie assumiram papéis de destaque dentro da prole, foram além do ofício materno, executaram, com maestria, papéis outrora relegados ao “*pater*”, sem a penumbra de filhos e maridos. Nesse sentido, escreveram seus destinos com as próprias tintas, cada uma a sua maneira. Munidas de bagagens carregadas de memórias, silêncios e medos, entrelaçaram histórias, gestadas nas montanhas do Líbano e enraizadas no solo úmido de Manaus.

Enveredar por entre as tramas dos enredos supracitados possibilitou esmiuçar epítetos e recônditos pertencentes ao universo das personagens. Zana teceu, desde cedo, o próprio destino; obstinada em suas pretensões e ardilosa nas ponderações, influenciou, sobremaneira, a conduta de todos os integrantes da narrativa. Já Emilie sustentou, com os braços ternos de matriarca, a parentela e todos que careciam do seu auxílio; enigmática e discreta no agir, suscitou fascínio e curiosidade naqueles que estavam a sua volta. Para tanto, revisitar a caminhada das protagonistas é conhecer duas personalidades distintas que se cruzam numa linha tênue de vivências e significados.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, N. Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro. **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde as perspectivas das mulheres**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Foroni Bernardin, et al. 7. ed. São Paulo: Hucietec; 2014.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GANCHO, C.V. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.
HATOUM, M. **Dois irmãos**. 1ªed Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

HATOUM, M. **Relato de um certo Oriente**. Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das letras, 2008

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão, et al. 7. ed. revista-Campinas. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

MOISÉS, M. **A análise literária**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

MOISÉS, M. **Dicionários de termos literários**. 12ª ed. ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.

PERROT, M. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, M e SOIHET, R. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SANT'ANNA, D B. **Corpo de passagem**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

ZAWIERZENIEC, M. **La mujer em el mundo latinoamericano**. España: Agencia Kuba, 2015.